

GARÔTAS

Uma publicação da RIO GRÁFICA e EDITORA —

N.º 94 — Cr\$ 400

94

CHICO BUARQUE

O IMORTAL

**SENSACIONAL
FOTONOVELA**

**MODA
NA ONDA**

**TIFFANY
JONES**

E

**OUTRAS
EMPOLGANTES
REPORTAGENS
NESTE
NUMERO**





• No dia 11 de novembro último, o Museu da Imagem e do Som abriu suas portas para conduzir à posteridade um jovem muito especial: Francisco Buarque de Holanda, ou apenas Chico, porque o povo de um país inteiro já o acolheu para si.

CHICO BUARQUE DE HOLANDA: *imortal*

Até então somente austeras e idosas personalidades haviam sido convidadas a gravarem ali o seu depoimento para a história. O autor de "A Banda", com apenas 22 anos de idade, era, assim, distinguido com um privilégio geralmente só dispensado aos que chegam ao fim de uma brilhante carreira, criando popularidade através de um trabalho árduo e contínuo.

Chico Buarque de Holanda foi uma exceção. Ele, porém, não falou dos seus sentimentos pessoais, nem de política, nem de negócios, mas de música. Só mesmo a importância de sua presença na música popular brasileira justificou o convite para depor a quem tem ainda pela frente muita coisa para testemunhar.



O PRINCÍPIO

"Nasci carioca e sou filho de Sérgio Buarque de Holanda e de Maria Amélia Alvim. O ano de meu nascimento foi 1944".

Assim começa o depoimento de Chico, que prossegue:

"Estudei o que se chama de primeiras letras no Externato de Nossa Senhora de Lourdes, depois no Colégio Notre Dame International School, em Roma, onde passei a morar após algum tempo. Comecei a ouvir música, gostar dela e fazer marchinha de carnaval aos oito anos. Minha irmã tocava violão e meus pais gostavam de Noel Rosa. Por ouvi-lo muito e gostar dêle, sofri, durante certo tempo, sua influência. Também Ataulfo andou pairando em certas músicas que fiz. Eu tentava imitar o som e batida e, muitas vezes, fiz músicas como esta "Canção dos Olhos":

*Nestes olhos teus o que será que
[tem
pra me seduzir
pra me escravizar
e eu viver sofrendo.*

Aos 15 anos, ouvia João Gilberto e seu disco disse-me muita coisa. Nas rodinhas de colégio fiz sucesso ao violão. Sabia a batida bossa nova e era uma novidade disputada. Nesta época, fiz "Anjinho de Papel":

*Meu livro de catecismo
Lembro-me hoje ainda
Mostrava anjos no céu
E eu com o sentimentalismo
Guardei um anjinho*

CHICO BUARQUE DÉ HOLANDA: imortal

Desenhado no papel
Depois amei você também
Você para um anjo
Só eu vi por trás do véu
O meu anjinho de papel.

GRAVAÇÃO SEM FÉ

Assim, com palavras simples, se desenvolvia o depoimento de Chico. Sua história ia sendo entrecortada pelos versos de suas músicas, que êle próprio acompanhava ao violão. Como êle contou, sua primeira gravação, "Marcha para um dia de sol", nasceu sem fé. Era assim:

*Eu quero ver o dia
em que não falte nada
em que nada sobre
eu quero ver feliz o rico e pobre.*

"Foi em "Pedro Pedreiro" que encontrei, porém, o que queria: as músicas livres de influências, que eu pudesse sempre dizer que eram minhas, de fato. Fui criado no meio do povo e, certamente, vale dizer que convivi com pedreiros. De nenhum em especial resultou o samba, mas de todos em conjunto. Acho que foi algum pedreiro que agiu no meu subconsciente sem me dizer nada".

SAMBAS NA VIDA

"Houve sambas e sambas na minha vida — continua Chico. — De uma fase mais antiga há êste:

*Você não viu o samba que eu lhe
[trouxe
ai, eu lhe trouxe rosas*



*ai, eu lhe trouxe um doce
as rosas vão murchar, ai
e o que era doce acabou-se
você me desconcerta
pensa que está certa
você não se iluda
No fim do mês o dinheiro aperta
e você vem pedir ajuda.*

A BANDA

Finalmente, Chico se refere à marcha que o consagrou definitivamente: "A Banda". Diz êle:

"Falam que eu nunca vi banda nenhuma para fazer música sôbre. Vi, sim, mas isto não é o caso. Vi bandas em São Paulo, na Inglaterra, em Minas, todos os tipos de banda. Senti que sua música é universal e que o povo quer ouvi-las em tôda a parte. O primeiro a ouvir "A Banda" foi Gilberto Gil. Depois Toarquato, ambos do grupo baiano. Não estava, é claro, vendo nenhuma banda passar na hora. Aliás, esperava o almoço em um dia de julho dêste ano. Acabei perdendo a fome e ganhando uma "Banda". Não acreditava muito nela, especialmente porque gosto sempre da próxima música que irei fazer".

PARA DEPOIS DE JANEIRO

"Tenho pretensões literárias — confessa. — Vou escrever. Minha vida só terá rumo certo depois de janeiro. Tenho, infelizmente, que viver da "Banda" até lá. Para entrar um dinheiro e eu poder compor calmamente. Faço músicas com largo espaço de tempo, separando uma safra da outra. Aborreço-me ter que estar parado sem compor. Espero que faça outras músicas de tanto sucesso, mas sei que um dia a fonte pode secar. As minhas idéias, porém, não param na música popular, simplesmente. Quero ir mais além".

Assim termina o depoimento de Chico, o imortal.

Reportagem de CRISTÓVÃO GABÍNIO

